

MAIS UMA PERDA

Roberto Rodrigues*

Muito tem sido dito e escrito sobre o recente acordo comercial TPP (Parceria Transpacífica) e seus impactos sobre o agronegócio brasileiro. Embora ainda sejam necessários estudos mais profundos a esse respeito, é possível reconhecer claros riscos para esse setor.

Antes de mais nada, vale dizer que a TPP não foi um acordo feito de afogadilho. Ao contrário, foram 5 anos de intensas negociações que culminaram com este que é o maior acordo comercial da história, unindo o maior bloco econômico do mundo, juntando 3 regiões do Oceano Pacífico: da América fazem parte 5 países importantes (Estados Unidos, Canadá, México, Peru e Chile), os 2 países da Oceania (Austrália e Nova Zelândia) e mais 5 asiáticos (Japão, Malásia, Vietnã, Cingapura e Brunei).

Segundo alguns analistas, o maior impacto da TPP não se dará no imediato aumento do comércio e da economia dos países membros, e sim na “criação de regras que aprofundarão a integração e tecnologia entre os países do bloco”, como acredita Peter Petri, professor da Universidade de Brandeis, em Massachusetts.

É um acordo muito amplo e profundo: até 2017, 90% das tarifas de bens e serviços trocados entre os países membros serão reduzidas a zero!

Outros acordos importantes estão em gestação e a TPP vai ajudar a “empurrá-los”: um deles, a Parceria Econômica Regional Compreensiva unirá a China a outros países de Ásia, Oceania; o outro é o Tratado entre União Européia e Estados Unidos.

Acordos comerciais bilaterais ou mais amplos como o TPP deixam mais produtivas as economias dos países signatários: cada país produzirá mais daquilo em que tem mais competência. Isso acaba gerando mudanças estruturais em cada país, seja pelo redirecionamento dos investimentos, seja pelas relações de trabalho, e no final do processo o nível de produtividade de todos melhora. É um jogo de ganha-ganha.

Mas perde quem fica de fora. O Brasil é um grande perdedor pelo simples fato de ficar de fora do bloco: não terá mudanças positivas em investimentos em produtividade. E ainda pode ser afetado fortemente no agro: afinal, somos grandes exportadores para a Ásia (vide frango para o Japão), concorremos com Vietnã nas exportações de café e com a Austrália em carnes e açúcar.

Pior: a TPP vai forçar a China e a Europa a agilizarem seus movimentos no cenário mundial. Até mesmo o fato de China e Índia terem ficado de fora do TPP vai exigir destes dois gigantes um novo posicionamento quanto às suas regras de produção interna e de comércio externo: temas ligados à sustentabilidade, sobretudo nos itens social e ambiental, hoje muito caros aos países desenvolvidos terão que ser incorporados à seus sistemas produtivos. Ou correrão o risco de ficar de fora de outros acordos da mesma natureza.

Passa da hora do Brasil entrar neste jogo. Além de não termos acordos que melhorem nosso comércio, vamos perder mercados com os acordos alheios. Nesse cenário é importante uma revisão do Mercosul. Nosso bloco não consegue, há mais de

10 anos, fechar um acordo comercial com a União Européia pelo simples fato de não chegar a um consenso quanto aos produtos e serviços que oferecerá. Não nos entendemos entre nós!

Há uma grande torcida para que o resultado das eleições presidenciais na Argentina tenha influência na mudança desse estado de coisas. Se Brasil e Argentina se somarem em harmonia de ofertas, o acordo sairá, e teremos dado um passo enorme para mudar a atual pasmaceira, que só têm sido rompida pelo firme trabalho da Ministra da Agricultura em busca de novos mercados para o agronegócio brasileiro.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio**